

Pirajá

O nome da exposição *Pirajá* surgiu de uma atmosfera de significados que vai desde do *locus vivente* do artista até a etimologia da palavra, confluindo para composição anímica da obra. Renato Morcatti mora no bairro Pirajá em Belo Horizonte onde tem sua casa-atelier, ambiente inspirador estruturante de sua criatividade. Pirajá é uma palavra de origem Tupi para designar lugar onde se coloca os peixes para serem tratados ou ... o que está repleto de peixes: pira (peixes) + já (repleto). Nesta atmosfera reluzente e telúrica tem-se também a definição do dicionário Aurélio: aguaceiro súbito e curto, violento e aluvial, acompanhando de ventania, comum nos trópicos, entre a costa da Bahia e os estados nordestinos.

Sim, pelo viés do realismo fantástico, podemos imaginar que Renato habita um espaço concentrado em tensão com respeito a natureza da alma e executa sua obra dentro de uma voluta física em situação limite, como uma narrativa intangível.

Em **Pirajá** temos os desenhos a carvão, pigmento minerais e grafite e as séries escultóricas realizadas em cerâmica, em três distintas expressões: o entalhe, a modelagem e a fundição. Abrasados pela técnica secular de queima japonesa Bizen, tem-se a harmonia ímpar de nuances e cores infinitas.

A intenção figural pela multiplicação de gestos gráficos, determina a escala humana, a partir da silhueta do corpo do artista, nos desenhos de **Escala Madre**, com múltiplas cabeças de ferramentas da agricultura. Os desenhos da série **Ostiário**, são as chaves escultóricas da série Nós, representadas no plano, em uma indistinção das chaves que se mesclam.

Entre, um conjunto de pequenos totens “trancados” em gaiola de ferro. Sem dúvida alguma, uma reflexão às questões sobre liberdade, opinião e posicionamento.

Nós, são molhos de chaves unidos por anel de couro. Cada peça única é um nó dos elementos de uma metáfora do sistema de proteção retorcidos de sua finalidade como elemento de segurança.

Em **Segredos**, as esculturas são a representação da linha de encaixe e sucros dos segredos das chaves, que fazem girar o tambor, apresentadas em um agrupamento. O conjunto das peças provocam expectativas particulares a cada observador, que vão além suas formas.

Seus **Guardiões** são observadores de manufatura simples, de aspecto humano, moldados a mão, onde Renato transpõe a gênese da eclosão, da pulsação, dos fluxos, odores, massa, matéria, tatos, cortes, dores, amores e prazeres. Enfim, um ciclo que

bilhões de humanos vivenciaram em negociações vazias e temporais, que moldam o que podemos ser pelo gesto de amassar a terra, da qual somos parte.

Contumaz são os elementos plásticos, cujas repetições sequenciais dos conceitos impregnados nas esculturas e nos desenhos formam a tessitura de pequenos sozinhos que se tornam sociedade.

A exposição Pirajá se dá por uma leitura de definições, onde tudo que é estranho, é “conclusão” da dúvida.

Pirajá

The title of the exhibition - **Pirajá** - resulted from an atmosphere of meanings ranging from the artist's locus vivendi to the etymology of the word, all converging to the essence of his work. Renato Morcatti lives in the city of Belo Horizonte, at the Pirajá neighborhood, where his home-studio is located, an inspiring environment that helps the artist structure his creativity. **Pirajá** is a Tupi word that means a place where fish is put to be handled or ... full of fish: *pira* (fish) + *já* (full). This sparkling and telluric atmosphere is reflected in the definition of Pirajá as found in the Aurélio Portuguese dictionary: *a sudden, short, violent and alluvial downpour followed by a windstorm, common to the tropics, which takes place between the coast of Bahia and the states of NE Brazil.*

One can really imagine, from a magical realism perspective, that Renato lives at a space with concentrated tension regarding the soul's nature and creates his pieces in a physical swirl in a limit situation, as an intangible narrative.

Pirajá encompasses drawings in charcoal, mineral pigments and graphite, as well as the ceramic sculpture series featuring three distinctive techniques: carving, modelling and casting. As if resulting from the Bizen technique, a century-old Japanese firing process, a unique harmony of hues and an endless array of colors are obtained.

The human scale is determined by figurative preference for multiplying graphic gestures based on the silhouette of the artist's body, as in the sketches of **Escala Madre** (*Mother Scale*), depicting the heads of multiple agriculture tools. The drawings from the series **Ostiário** (*Ostiarium*) are the sculptural keys to the series **Nós** (*Knots are Us*), represented on a plane where the many keys presented cannot be distinguished from one another.

Entre (*In between*) is a set of small totems “locked” in an iron cage. It is a clear reference to issues involving freedom, opinion and positioning.

Nós (*Knots are Us*) depicts bunches of keys joined by a leather ring. Each single piece is a knot of elements, as a metaphor of a protection system, that have been stripped off their very purpose.

In **Segredos** (*Secret Combinations*), sculptures represent key slots and bolts that move the tumbler, presented here as a group. The combination of the pieces creates expectations that are unique to each visitor and have meanings that go beyond the form of the sculptures.

His **Guardiões** (*Guardians*) are hand manufactured, human-like pieces where Renato surmounts the genesis of eclosion, pulsation, flows, odors, mass, matter, touches, cuts, pains, loves, and pleasures. A cycle that billions of humans have experienced in empty and temporal deals that shape what we can become by kneading clay, of which we are a part.

A frequent feature in the artist's work is the visual elements that - when repeating in a sequence the concepts that impregnate his sculptures and sketches - form the structure of a few *individuals* that eventually turn into a *society*.

The exhibition **Pirajá** involves a reading of definitions where everything is strange: it is the “conclusion” of doubt.

Vicente de Mello

Vicente de Mello nasceu em São Paulo, em 1967. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá e especializou-se em História da Arte e Arquitetura no Brasil, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. Trabalhou no Departamento de Fotografia do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM-RJ, de 1989 à 1998. Têm sua pesquisa fotográfica, apresentada desde 1992.